Uso de máscaras na emergência do coronavírus pode levar a mudança cultural nos EUA

Sociedades no leste asiático têm histórico mais longo de cobrir rosto

6.abr.2020 às 16h38

WASHINGTON

Há alguns dias, era raro ver pessoas cobrindo o rosto nas ruas de Washington. Bastou que o presidente Donald Trump fosse a público na sexta-feira (3) [sugerir que americanos utilizassem máscaras](https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/governo-dos-eua-passa-a-recomendar-mascara-de-pano-a-todos-os-americanos.shtml), no entanto, para o costume começar a se difundir na capital.

A expectativa é de que mais e mais pessoas adotem o hábito, enquanto tentam conter a pandemia do coronavírus.

Alguns usam máscaras médicas compradas na farmácia, quando por milagre há estoque. Outros amarram lenços no rosto ou cobrem a boca atrás da gola do casaco. Já [circulam pela internet diversos tutoriais](https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/veja-como-fazer-sua-propria-mascara-de-pano-para-se-proteger-do-coronavirus.shtml) em vídeo para quem quiser, por exemplo, transformar uma canga ou uma bandana em máscara.

Com isso, os Estados Unidos podem estar à beira de uma brusca mudança cultural, ainda que dure apenas enquanto a pandemia estiver fora do controle.

Até recentemente, afinal, máscaras eram associadas apenas a países do leste asiático como a China e o Japão, onde esse hábito é bastante comum —ele é inclusive considerado boa educação.

Nos Estados Unidos, é corrente a ideia, de base racista, de que cobrir o rosto é um costume de outras pessoas, em países distantes, mas jamais algo americano.

A Europa passa por um processo semelhante. A Áustria exige desde a semana passada que a população utilize máscaras para ir ao mercado. Ao fazer tal anúncio, o premiê Sebastian Kurz disse que esse hábito é “alienígena” à cultura de seu país. “Isso vai necessitar um grande ajuste.”

A gravidade desta pandemia pode dar um empurrão ao tal ajuste. O [coronavírus](https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/30/5899-acompanhe-todas-as-informacoes-sobre-a-pandemia-de-coronavirus.shtml) já infectou mais de 1,2 milhão de pessoas no mundo e deixou 70 mil mortos.

“Mesmo com a escalada global no número de casos, é surpreendente ver como pessoas fora da Ásia têm tido reticência no uso da máscara”, diz Ria Sinha, especialista em doenças infecciosas na Universidade de Hong Kong.

“Esse pode ser um[ponto de inflexão](https://f5.folha.uol.com.br/estilo/2020/03/saint-laurent-gucci-e-balenciaga-vao-fabricar-mascaras-para-o-combate-contra-o-coronavirus.shtml) para convencer aqueles que não têm familiaridade com máscaras a vesti-las.”



*Pessoas usam máscaras contra a pandemia de coronavírus em Nova York -*

Há um debate entre cientistas sobre quão eficazes as máscaras são de fato. A ideia é que, cobrindo o rosto em lugares públicos, uma pessoa pode evitar espalhar o vírus. Nesse sentido, o objetivo principal da máscara não é proteger quem veste —e sim as demais pessoas ao seu redor.

Foi com isso em mente que Trump e o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças, na sigla em inglês) recomendaram na sexta-feira que os americanos usassem máscara nas ruas.

Mesmo quem não tem sintomas deveria seguir a medida, porque ainda assim pode transmitir o vírus a outras pessoas. Essa é, por ora, apenas uma sugestão. O próprio presidente disse que não vai segui-la.

Para o sociólogo japonês Mitsutoshi Horii, autor do livro “Masuku to Nihonjin” (as máscaras e os japoneses), de 2012, a decisão de cobrir o rosto não depende apenas de evidências científicas.

“Em epidemias como esta, há uma [sensação enorme de incerteza, de vulnerabilidade](https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/terapia-online-pode-ajudar-a-enfrentar-a-ansiedade-por-causa-do-coronavirus.shtml)”, diz. “As pessoas querem fazer algo para se proteger. Qualquer coisa para sentir que estão no controle.”

No caso japonês e no de outros países do leste asiático, a decisão de usar máscaras está relacionada também a um dever perante à sociedade.

“Cobrir o rosto é uma maneira de mostrar às outras pessoas que você está fazendo um esforço”, afirma. “Você não vê quando alguém lava a mão. Não tem certeza de que lavou. Já as máscaras são muito visíveis.”

A popularidade das máscaras no leste asiático está, ao menos em parte, relacionada a sua história. A máscara de proteção a epidemias foi inventada na China durante um episódio altamente letal em 1910.

O médico Wu Lien-teh, que havia estudado na Universidade de Cambridge, adaptou as máscaras cirúrgicas e chegou a um modelo resistente e fácil de usar —o precursor das que são utilizadas hoje.

A máscara virou, naquele contexto, um dos símbolos da medicina moderna na China, conta o antropólogo Christo Lynteris, da Universidade Saint Andrews.

“Wu Lien-teh foi venerado no país. O regime comunista usou ele em sua propaganda. Alguns ainda chamam o item de ‘Máscara Wu’. Há documentários sobre ele. Museus. É uma figura nacional”, afirma Lynteris.

A máscara de Wu foi utilizada em 1918 no restante do mundo durante a [gripe espanhola](https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/04/apenas-a-gripe-espanhola-foi-comparavel-ao-coronavirus.shtml), mas caiu em desuso. No início dos anos 2000, no entanto, com a epidemia respiratória conhecida como Sars, o costume de cobrir o rosto recobrou força no leste asiático.

“Mesmo depois da epidemia as pessoas continuaram a usar a máscara. Virou algo normal, rotineiro naquela região.”

A dúvida, agora, é se sociedades em outras regiões do mundo vão continuar a usar máscaras mesmo depois de a pandemia do coronavírus ter sido controlada. Segundo os especialistas ouvidos pela reportagem, essa é uma possibilidade, mas não há como saber a resposta por enquanto.

Sinha, por exemplo, diz que um dos fatores decisivos é a pressão da sociedade. Quanto maior o número de pessoas vestindo máscaras na rua, maior a chance de outros seguirem o exemplo. Pode ser que deixar de usar máscaras vire um sinal de desrespeito, como aconteceu em alguns países do leste asiático.

É necessário, também, que a população adote um comportamento [voltado ao bem coletivo](https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/03/solidarios-venceremos.shtml).

Em sociedades individualistas como a americana, afirma Sinha, as pessoas vão provavelmente se perguntar primeiro o quanto essas máscaras vão protegê-las —para só depois pensar nos demais cidadãos.

Respondendo a quem diz que as populações nos Estados Unidos e na Europa nunca vão usar máscara porque não têm o costume histórico de cobrir o rosto, Lynteris lembra que há poucas décadas a situação era bastante diferente nessas regiões.

“Mulheres costumavam usavam véus embaixo do chapéu, descendo em cima do rosto", diz. "Eu nasci na Grécia e não consigo imaginar minha avó sem cobrir o rosto dela com um lenço.”

Ou seja, Lynteris afirma, não existe nenhum valor fundamental em sociedades ocidentais impedindo o uso máscara. Costumes podem mudar.

Uma última pergunta importante, diz ele, é se as máscaras vão virar um item de moda como aconteceu no leste asiático —onde existem modelos coloridos, estilosos, com ilustrações.

“Se as máscaras continuarem a ser essa coisa azul aborrecida por aqui, elas certamente vão desaparecer depois do coronavírus.”



PROPOSTA:

Nuvem de palavras (word cloud) é um gráfico digital que mostra o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto. Esse recurso pode ser utilizado em atividades de interpretação e produção de textos.

Após a leitura do artigo da Folha de São Paulo, crie uma nuvem de palavras referente ao tema.



 

